

O CAMINHO DOS VENTOS

Livro 120

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



ESCASSAS CERTEZAS

A mágica possibilidade de sonhar vivia devolvendo-me ao estado perenal, tal a força e a paixão com que me dominava, dissipando meus medos, pondo em furiosa fuga todas as ameaças que vinham destruir-me, atormentar-me. Noite após noite, decidido a recuperar a capacidade de sonhar, devorava a memória que inventou meu mundo e deu nome às minhas escassas certezas.



OS CÓDIGOS

Os códigos que disciplinavam minha ânsia discursavam na minha consciência um rosário de comportamentos incessantemente obedecidos, penetravam em mim vendendo as vantagens da obediência. Nunca tive muita coragem, embolsei em meu patrimônio um medo que me alertava a não me meter a discutir com os santos, muito mais porque me afirmaram categoricamente que eles eram os representantes de Deus. Sujeitei-me às disciplinas sem discernir os méritos de cada ordem.

POR QUERER VOAR

Correr em todas as brincadeiras sob o olhar que controlava, não admitia invenção de itinerários. Tratei de explicar que valiam os disfarces, que eles faziam parte do jogo, mas os gritos dissipavam este argumento, emboscando minha liberdade, tirando-me o uso livre do tempo e do espaço. Dispunham da minha paciência, da minha hora, da minha vontade, provando-me ser um incauto por querer voar, por não ser obrigado a saber tudo o que queriam que eu soubesse.



COM ESFORÇO

Com esforço tamanho, desviei-me do gosto dos demais, e essas obrigações anônimas provocaram partidas, inventaram o silêncio, o isolamento e sequestraram minha capacidade de sonhar.

MEU DESPERTAR

Eu fiquei com o esquecimento próprio da infância. Guardei o que me acompanhou no café-da-manhã, no almoço e no jantar. Alimentei-me descolado do devorar, engolir. Ainda presente a memória do que reunia, unia, um sistema de trocas espontâneas, ora doces, ora ácidas. Laboratório social onde se mediam direitos individuais e deveres coletivos.



TENTO ADERIR

Visto-me com o automatismo de quem deixou a alma em algum lugar para logo em seguida sair a sua procura, sabendo que não será fácil achá-la. Ir no encalço de uma rotina, perseguir um caminho com esperança de encontrar funda, ampara e cria a mesmice. Contrainho o hábito de ver meus vizinhos, meus objetos, habituei-me a viver uma vida cada vez menos nova. Acudo logo a uma inquietude que me provoca a fazer sermões, mutirões, chamamentos, felicitações aos que amam,

homenagens aos que sobrevivem. Declaro-me culpado de não confessar todos os meus sonhos, vomito o sapo de ontem e baixo o olhar ao cruzar com quem não quero ver. Tento aderir às notícias do dia, mas me incomoda a manipulação. Finjo não me importar com as guerras, com os infanticídios, com a corrupção endêmica que me invade. Me inclino a confessar que as paredes das minhas artérias ficam mais duras quanto maiores as minhas não manifestadas indignações.



BONS MODOS

Enfeito com um vinho e uma refeição alguns vazios, engordo essa fome que comida não mata. Tento aderir aos que criem, tornar brilhante as poluições, declarar judicialmente obsoletas e infundadas as injustiças. Proíbo a fabricação das minas que mutilam e ponho letra no analfabetismo, erradicando-o. Repreendo tudo o que caducou e ainda sobrevive. Esses produtos e seus produtores que enganam com bons modos.

DOBRO A ESQUINA

Dobro a esquina, me apoio no corrimão que insiste em acompanhar um declive e adoto a postura de quem caminha sem nada pensar.



ABONOS

Os mesmos olhos que precipitaram infinitos abonos robusteceram minha crença de que eu poderia ser, ainda que limitadamente, feliz. Se eles não me alertassem tão singela disposição e reverência, o ingresso ao mundo dos adultos teria sido mais difícil.

PRECIPITADO

Precipitado, muitas vezes abri a intimidade, desonerei a vantagem dos cuidados e pronunciei a palavra que selou meu compromisso com o que eu via. A minha inteligência não abrangeu guardar minha emoção que, sem maiores medos, tornou-se um orgulho insensato. Afinado com a declaração de amor e a isenção de exigências absurdas, entreguei abundantemente um amor sem proprietário, coberto de pureza, sem estrofes, rimas, afinações, sem medo de sofrer e acabar. A solidão consentida acaba aqui; decretei-me exilado. Depois, resguardei as coisas mais sensíveis, todo frágil sonho mais íntimo, toda expectativa voltada para o desempenho da conquista e da manutenção, tudo se realizando no mesmo momento em que se vê e se fala e se escreve, se ouve, se sente. Acabado de chegar ao mundo das decisões, fiquei como alguém que, não contente com o alcançado, lançou-se no mundo para multiplicar infinitamente todo esse sentir. Tenho ruminado muito essa emoção, que insiste em nunca acabar. Indica seriamente sua intenção de se perpetuar, me segue na mesa, na cama, no trabalho, na rua, no silêncio e no ruído. Poucas são as probabilidades de

morrer tranquilo, pareço ir em direção à mobilização eterna, desconfortável por não encontrar a tão nomeada paz, logo eu que queria acabar bem, acalmado, contando nos dedos todas as impressões digitais deixadas nas cordas do meu violão.



TOMEI AS FEIÇÕES

Tomei as feições que o tempo me impôs sem escolha. Não contente, ele tomou-me alguns direitos que não pelo menos nesta ocasião não cabe confessar, cassou-me a tolerância e a dicção, a vista plena e uma fácil digestão. Por que não me doou um músculo forte para sustentar a tantos a quem faltam braços e abraços, um olhar que pusesse cor ao cinza da tristeza e uma liderança que congregasse todos os sozinhos? Não haverá de me faltar lugar onde eu possa esconder a memória que guarda a afeição desse olhar que não arreda de mim.

OS SONHOS EXISTEM

Os sonhos existem para passear nas entrelinhas do pensamento rondando a curiosidade e inspirando o que nos permitiu guardar com muito amor na memória todo amor que desaninhou a tristeza.



INVENTANDO NOVIDADES

O medo é, talvez, de não saber fazer outra coisa além de te adorar. Minha memória se abre serena para reviver tudo o que faço para descansar no teu abrigo. Quero outra vez ficar, habituei-me à exuberância, à suavidade, à organizada sensibilidade que conciliou todas as nossas diferenças. Convoquei as lembranças para sustentar os caprichos disfarçados de acaso, a oferenda que recolhe sorrisos e uma razão para deixar em ti a minha vontade de permanecer nos inventando.

VIRADO DO AVESSO

Peço-te, oh! meu amor, faça-me favorito que eu te darei consento, removerei intacta a ofensa, mantereí o empenho. Farei deste autêntico retorno um sustento durável, renunciarei às habituais fugas. Derrotarei o desânimo, medirei a suavidade e a dureza da vida. Voltarei mais uma vez virado do avesso.



TUA ALEGRIA

O timbre harmônico avisa-me que a tua alegria chegou. Invades meu espaço referindo-te a uma revelação, conferida como uma obra velada, fonte do prazer fugidio. Convidas-me a sair pelos meus próprios meios assumindo minha condição de inventivo, pouco suficiente, deixando-te portar as tuas graças, enquanto fico como narrador de fantasias.

TESTEMUNHOS

Confinado em pensar testemunhos, poucos bastam para eternizar os sentimentos que me acendem o amor que excede ao abandono.

Já não me concedo o benefício do esquecimento, quero todas as lembranças, desde a origem, doloridas, agrícolas, duvidosas, sem juízo, graves, agudas, expostas, secretas, cálidas e caídas, cicatrizadas e as obrigatórias.



DILATO O TEMPO

Precipito-me perdidamente radioso, excessivo na entrega, socorrendo uma vontade de te fazer feliz. O elogio que te ofereço é um ato de soprar-te rimas. Roço-te até aprontar-te para a sementeira. Distribuo algumas palavras para desestabilizar esses teus cabelos. Dissimulo cansaço para rodear um caminho mais longo que o comum, dilato o tempo e os beijos, conto o conjunto dos teus prazeres como um rodízio de festas românticas. Rondo teu saboreado corpo esperando ver algum lugar onde falta te adular.

MÉRITOS

Fortificam-se os méritos que a contração dos corpos explodindo, acrescentando novos prazeres, mais gozos, junções infinitas, contrariando a solidão, tornando assíduo o desejo como um combatente dos vazios que reincidem alertando para os desejos que, desobedientes, nunca se saciam.



APARÊNCIA

A aparência de contraditório que envolve e autoriza a noção de juízo final, se incorpora como se nada mais fosse possível depois. Depois de conhecer a paz se fundam as lembranças em desesperada tentativa de jamais perdê-la.

FRACAS RESISTÊNCIAS

Reconheço as fracas resistências durante as quais uma âncora grita insistentemente pela tua permanência.



TEMIDAS DESPEDIDAS

Junto a ti minha vida impregnou-se de temidas despedidas, sem que acabasse o desfile de todos os meus desejos. Resgato uma habilidade antiga para realizar humildades. O restante, administro. Com algumas dores autônomas, recrio a vida com preferências, com novidades. Trato dos rigores com a precisão que eles merecem.

ROMANCE

Recomeço o romance, retomo o motivo, passo a viver um pouco diferente, não muito, para não correr o risco de desaparecer. Aglomero profecias, ilusões, me apodero dos teus sonhos. Sem teu consentimento, reafirmo que essa aventura não teria começado, não fosse por ti. Renasce em mim a urgência da paixão, que carrego como uma agradável obrigação, vivendo-a de forma presente em todas as coisas. Revelo provas vividas, intencionais, previsíveis, encerradas na eternidade que guarda o meu amor em toda a tua vida. A raiz que o detém regula a retomada dos tempos.



SURPRESAS

Desde que eu decidi falar de dentro de mim, esqueci os botões e resolvi falar com alguém. E como estivesse desacostumado, dividi-me entre vontade e medo. Ao mesmo tempo em que iluminava o íntimo, resguardei-

me do explícito, cobrindo--o com uma aura de mistério. Desobriguei-me de reverenciar aqueles que não aprecio.

Mantenho a pretensão de uma longa duração, me prolongo desafiando minhas limitações; evito, assim, a amargura e a dor, que considero como meus limites. Convertendo algumas convicções, engrandeci meu sentimento solidário. Movido pela meiguice, perdi a vergonha de amar, deixei-me arrastar por redes, por correntes, tornei-me independente para ser livre. Embarquei na deliberação. Deliberei introduzir a mediação, a união, a harmonia. Deliberei abandonar o supérfluo, os superficiais. Deliberei parar de criticar aqueles que não sustentam possibilidades de melhoras. Abasteço uma fantasia que deverá incluir os efeitos que adornam o impossível e o improvável. Evito ensaiar o que não saberei representar. Evito surpresas.

ORIGEM

Não abandono meus fantasmas por medo. A razão é o entusiasmo das histórias que regressam desde um lugar onde ninguém volta: o passado. Haver seguido o caminho indicado deu-me orientação para escolher à esquerda e à direita. Empilhados, todos os acontecimentos que marcaram a vida dos meus antepassados não couberam na tumba que foi adquirida para guardar corpos. Detido nos informes, nas narrativas, o estado de conservação dos mitos seguem dando sombra aos fantasmas que me olham desde uma fotografia, desde um prato, trazendo um cheiro, permitindo o resgate. Os vestígios recuperados dão permissão para identificar eu o que chamo de mito que me precedeu sem ter sabido que me iria conceber. Localizo em mim um conjunto de manifestações que me transcendem. Quando visito algum refúgio, entro em intimidades, em um interior que quase se perde nas habituações, nas levianas urgências que desfiguram as intensas relações com outras gerações que me habitam geneticamente. Esses sinais dispersos formam um código que não consigo entender, conforma conjuntos, evidencia riquezas, exterioriza culturas. Quanto mais me interiorizo, mais se estratifica o desconhecimento,

ineditismo que aumenta o mistério da existência. Quanto maior a pesquisa, maior o desconcerto. A condição em que cada mito se manifesta desafia a razão e a coerência. Esse conteúdo dos ideais que são familiares e contribuíram positiva e negativamente na construção da minha personalidade.

A restauração deste conhecimento deu sentido à minha existência.



O MUNDO DAS RECORDAÇÕES

O mundo das recordações, não é outra coisa senão uma matriz onde guardo o tempo. Da mesma maneira que o passado se perde no tempo, a recordação resgata no presente. Para cumprir seu ciclo histórico, faz-se necessário que uma recordação morra para dar possibilidade de existência ao esquecimento e é assim que se perdoa, se releva, que os mitos morrem, que os opostos se misturam e se enterram os ossos. Quais eram os caminhos transitados pela recordação antes da chegada no destino? Ao serviço de qual missão se

dá o resgate? A dualidade da natureza nos leva através da memória à origem, a ver o rosto do pai ou da mãe que tomam vida para que a amargura cesse. Recordar não é voltar para trás, mas dar sentido ao futuro. A recordação presente não é uma história, é uma intenção trabalhada pelo sonho e pelo devaneio, uma correção pouco autêntica do já vivido. É um informe inédito porque embaralha os dados sempre dispostos para adoçar ou atormentar o autor da recordação.



CAÇADOR DO PASSADO

O resgate desse que fui torna-me caçador da minha realidade adormecida no passado. Garimpando, encontro aqui e ali um esquecimento feito pó deixado em cada lugar por onde vivi intensamente. A voz que cantava era condutora dos meus sonhos, fazendo da ternura um produto de contágio proposital. Cada sorriso uma propriedade privada ternamente deixada em algum canto. Temia que alguma traição me violasse a sede de viver.

DESEJAR REDUZIDO

Ensinaram-me um desejo reduzido, inibido, envergonhado, sofrido. Vivi com culpa minha natureza que brotava inteira e honesta por todos meus poros. Quantos sonhos nasceram e morreram calados dentro de mim. Sigo sentindo como uma criança assustada que teme confessar-se atemporal, sabendo ser o tempo um dos crônicos mistérios, promotor de angústias que criam desafios entre a paixão e a resignação.



CARENCIAS

Especializei-me em cuidar dos outros embora eu seja um daqueles que mais necessita de cuidados. É que esse meu olhar fica curto para alcançar ver-me em minhas carências. Uma das caras da minha onipotência pretende despojar-me do vazio que me habita, disfarçando minha fragilidade ao simular fortalezas.

REMINISCÊNCIAS GUARDADAS

Disponho as reminiscências como pedras preciosas; não as exponho a ninguém. Dou por certo acostumar-me à ideia de que estás lá, pensando em mim, como estou eu aqui, pensando em ti, esperando pelos divinos acordes que criem uma nova poesia. Rememorando aquele olhar, que nunca desaplica a atenção nem os cuidados. Às vezes as saudades desatinam a ordenação que permite a tolerância e a dor grita mais que a paciência.

Entre as boas graças para fazer nascer a dignidade. Devo ir fazer a paz.

Perplexo, me vi surpreso na vida desconhecendo a contrapartida do coração quente que arde nas esperar enquanto vagueia esperando a amada, insistindo em fatigar-se de ânsias e de expectativas quando acidentalmente pensa amar.

Quando o bem estar incomoda, adorno qualquer equilíbrio desfazendo o afeto nele investido. Me faltam tanto medos por viver que me disfarço misterioso, me finjo diluído de compromisso, finjo não perceber quanto amo, não digo o que sinto porque as palavras ficam curtas, pequenas, limitadas. Início então, um

longo aprendizado que se faz necessário até que possa dizer de uma forma nova todas as inclusões, todos os possíveis, todos os sentimentos, todos os jogos, todos os valores, que, somados, e é quando me dou conta de que reconhecer serem poucas as chances de poder ter êxito em minha ânsia prosaica.

Te perguntarás por que tanto necessito disto falar; é que não te tendo por perto, reinvento-te em cada lugar, junto os pedaços somando risos, olhares, uma tranquilidade feliz, uma luz, que acesa ou apagada, era igual, assistindo aos ventos marinhos, sóis que acampavam na nossa pele, luas que docemente iluminaram nossos olhares. Esses, sim, ficam ocupando todos os vazios que não me deixam obedecer ao traçado racional que arrebenta com as previsibilidades, pondo-me nas mãos, todos os dias, as reminiscências que já não sei mais onde guardar.

Roberto Curi Hallal

